

A RELAÇÃO COMPLEMENTAR ENTRE LIVRO E BLOG SOB A PERSPECTIVA DO DESIGN

Luisa Mendes Machado

Aluna do curso Design Gráfico Universidade Federal de Pelotas (UFPel);
mmachadoluisa@gmail.com

Thaís Cristina Martino Sehn

Orientadora; Professora substituta de Design Editorial da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Mestra em Comunicação e Informação (UFRGS);
crisehn@hotmail.com

RESUMO

Publicar o conteúdo de blogs em formato de livros é um fato cada vez mais recorrente no mercado editorial. O interesse em compreender de que forma um projeto relaciona os meios de comunicação, impresso e digital, é o que motiva o presente artigo. Nele, serão apresentados diversos autores que trabalham a relação entre livro e blog. A medida em que o ofício do designer é conhecer as singularidades pertinentes a cada meio para transmitir o conteúdo da forma mais adequada ao leitor, o design se torna um elemento essencial para a criação bem sucedida de um projeto suplementar envolvendo livros e blogs. O artigo também analisa dois projetos e suas diferentes formas de lidar com a publicação de livros e blogs, são eles: Julie & Julia e Mothern.

Palavras-chave: Livro; Blog; Design; Meios Complementares.

Introdução

Todos nós temos sonhos e desejos, para muitas pessoas eles são a motivação para viver, trabalhar e evoluir pessoalmente. Seria um blog capaz de sonhar? Segundo Braga (2009, p. 78) sim, para a autora “o sonho do blog é virar livro”. Partindo do princípio de que todo blog tem uma pessoa responsável pela sua existência, fica aqui a reflexão se os blogueiros praticam essa atividade e alimentam suas páginas na internet desejando um dia serem descobertos por uma editora, realizando assim o sonho de seus blogs e dando início à uma relação entre dois meios de comunicação, livro e blog, a qual queremos aqui investigar.

Muitos dos autores que escrevem sobre o tema em questão usam uma abordagem mais abrangente e relacionam a existência do livro com o aumento da possibilidade de leituras digitais e a influência que um meio tem sobre o outro. O foco deste estudo é um

pouco mais específico, é investigar a relação existente entre livro e blog, meios de comunicação cada vez mais conectados e complementares um ao outro e, para isso, esses autores serão essenciais. Além da pesquisa realizada nos conteúdos já publicados sobre o assunto, o benchmarking, processo de análise das empresas com as melhores práticas, as quais servem de referência à outros negócios (KELLER; KOTLER, 2012), será empregue no estudo do blog, livro e série de TV *Mothern*, e do livro, blog e filme *Julie & Julia*, ambos projetos escolhidos por estarem presentes em diferentes plataformas, permitindo, assim, a identificação dos distintos usos e formas de abordagem dos meios.

1. A complementariedade entre mídias: a página impressa e digital

A coexistência da mídia impressa e digital nem sempre ocorre de uma forma equilibrada. Muitas vezes já se ouviu falar que no mundo em que vivemos, das transmissões de vídeo, celulares e computadores, o meio impresso é uma tecnologia desatualizada (COOVER, 1992). Exemplo disso era o sonho de Theodore Holm Nelson em “digitalizar toda a literatura (assim como obras de arte, cinema e fotografia) e deixá-la acessível universalmente em uma interface fácil de usar” (ROYO, 2008, p. 62). Se comparada a história do objeto livro ao desejo de universalização do mundo digital, percebe-se que essa vontade do homem de tornar a informação acessível a todos ocorre no mínimo desde o século XII, como pode ser exemplificado pela atividade dos escribas laicos que confeccionavam manuscritos sagrados na Europa, e começaram também a compor livros, possibilitando pela primeira vez na história que a burguesia acessasse esses conteúdos (FERLAUTO, 2001).

Logo, não podemos afirmar que uma tecnologia irá eliminar outra. Devemos pensar na coexistência dos meios e na sua utilização com funções especializadas e diferentes (ECO, 1996). Como consequência da distinção entre o meio impresso e o digital, a escolha por conteúdos que se encaixem a cada um deles é tida como a mais coerente, visto que, se torna cada vez mais incomum elaborar um trabalho apenas para impressão (PORTER, 2014). Sendo assim, na realização de um projeto com publicações híbridas, ou seja, aquelas em diferentes suportes, é preciso haver complementariedade, como afirma Freitas (2011) ao citar a conexão entre telas e livros “Tela e livro são complementares, e os dois suportes interagindo entre si contribuirão para o desenvolvimento da leitura” (FREITAS, 2011, p. 212).

Um dos principais mediadores de toda essa relação que surgiu, e se intensifica de forma surpreendente, é o designer. Sobre o desempenho desse profissional, Pullman (2013) afirma que ele ainda se encontra em fase de aprendizagem quanto a produção de conteúdo para mídias híbridas

Cada uma dessas mídias [televisão, mídias on-line, mídias interativas off-line e aplicações gráficas em papel] tem as suas vantagens específicas, as suas maneiras próprias de transmitir determinadas ideias, mas não todas as ideias. Os produtores e designers são obrigados a conhecer tais diferenças e saber utilizá-las em conjunto a fim de apresentar um tema de maneira coerente. [...] O design para um meio específico vai se tornar cada vez menos comum do que o design para mídias híbridas nas quais varia o sistema de transmissão (papel ou tela)” (HELLER; PETTIT, 2013, p. 82).

Da mesma forma que o livro teve papel de destaque na revolução do saber e do pensamento no século XVI (FERLAUTO, 2001), a internet ressuscita nos dias de hoje o debate e o transito de ideias, cabe a nós, usuários e produtores de conteúdos, entender as peculiaridades da publicação impressa e digital para que haja um diálogo enriquecedor entre elas.

Se acompanharmos a história de alguns objetos ao longo dos anos, podemos perceber que alguns deles sofrem influência dos novos contextos sociais que se apresentam no mundo, e acabam alterando seu valor e utilidade. Jenkins (2009) exemplifica um desses casos ao relatar a trajetória de evolução que o aparelho celular sofreu, o que antes era apenas um telefone móvel usado para fazer ligações, hoje oferece ao usuário inúmeras possibilidades, desde enviar mensagens de texto, fotografar, gravar vídeos e navegar pela internet. Fenômenos como este fazem parte da cultura cultura de convergência, “o lugar onde as velhas e novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29). Refletir sobre a cultura que faz tudo convergir a um meio em paralelo a todos os pensamentos antes expostos a respeito da complementariedade dos meios, nos leva a escolher por um dos dois caminhos, e ao observar as opções, percebe-se que aderir a cultura de convergência pode nos levar à replicação da informação antes disponível em outro meio. Se a coexistência de diferentes meios já é uma realidade na nossa sociedade, devemos planejar nossas publicações para atender as diversas necessidades do público usufruindo dos recursos específicos de cada meio.

Trabalhar com soluções híbridas se torna interessante a medida que podemos combater o fenômeno de replicação de informação, o qual muitas vezes é criticado, pois hoje em dia os meios de acesso à informação são tão vastos e de fácil acesso que acabam não sendo criativos e específicos a ponto de apresentar novidades aos leitores (FISCHER, 2011). Cabe nesse momento analisar qual tipo de informação cada meio irá suportar de maneira mais satisfatória. Alguns dos pontos que devem ser levados em consideração para a seleção de conteúdo são o lugar, o momento de recepção e a forma como a informação pode se apresentar (áudio, imagem, texto, som) (FRAISSE, 2011).

Ao falar de livros e blogs e qual conteúdo se adequa melhor a cada um desses suportes, muitas diferenças entre eles são listadas pelos autores pesquisados. Entretanto, é interessante observar a relação de similaridade apontada por Elvira Vigna (2011) ao traçar uma comparação entre televisão, livro e computador quanto ao momento de recepção de conteúdo. A autora compara a tela do computador à um livro, pois a relação que esses meios estabelecem com o receptor se dá em um momento solitário, reflexivo e particular, diferentemente da tela da televisão, a qual tradicionalmente está em um local social e é de uso comum.

Se confrontarmos o processo de leitura exigido pelo livro e pelo blog, podemos afirmar que o esforço desempenhado pelo leitor ao decodificar o conteúdo no meio digital é mais complexo. Essa complexidade pode ser atribuída à ausência de linearidade no conteúdo apresentado na tela, que simultaneamente apresenta conteúdos diversos que muitas vezes nem mesmo se relacionam entre si (ZILBERMAN, 2011). Além desse fator de complexidade, ainda podemos citar o fato de o computador ter inúmeras funções (RIBEIRO, 2011). Quando o leitor acessa um blog no seu computador, ele está desempenhando apenas uma das diversas operações que essa tecnologia o permite realizar, já o livro, é um objeto bastantes objetivo, quando utilizado, ele é lido. A leitura de um livro pode ter diferentes propósitos, como por exemplo estudo ou lazer, mas a atividade desempenhada é a mesma, leitura (FILHO, 2001).

Ainda sobre os diferentes tipos de leitura realizadas no livro e na tela, podemos caracterizá-las como intensiva e extensiva segundo estilos estabelecidos por Chartier¹ (1994 apud FREITAS, 2011). A leitura intensiva é aquela na qual o leitor memoriza, lê e relê intensamente, enquanto na leitura extensiva ele lê diversos conteúdos com

¹ CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora UnBrasília, 1994.

velocidade. Com a presença cada vez mais significativa dos computadores na nossa rotina e o uso da internet, o estilo de leitura mais frequente é o extensivo, pois "os internautas leem em grande quantidade e velocidade, embora não de forma aprofundada" (FREITAS, 2011, p. 207).

Outra declaração que acrescenta argumentos a essa distinção de estilos de leitura no livro e na tela, é a da profissional inglesa Cathy Olmedillas (2013). A designer e editora da revista *Anorak*, publicação trimestral para o público infantil fundada em 2006, considera vantajosa a experiência de leitura em material impresso, pois ela se constituiu em uma experiência focada, intimista e ininterrupta. Sendo assim, Cathy Oldedillas confessa que usa os meios digitais apenas para promover a publicação e alcançar diferentes públicos. Mais um profissional que defende a distinção e necessidade dos meios impressos e digitais é Simon Esterson, da revista *Eye*. Impressa só quatro vezes por ano, "o site e o blog são absolutamente vitais para a sobrevivência da *Eye*" (ESTERSON, 2014, p. 146). O site possibilita a existência de um arquivo do que é publicado, enquanto o blog faz com que ela esteja presente no pensamento das pessoas durante os intervalos entre uma publicação e outra. É assim, na prática, que os designer começam a perceber a singularidade e indispensabilidade de cada meio, e nós, pesquisadores, formulamos teorias sobre esse fenômeno.

2. Livro

Por toda a sua história e significado adquirido ao longo dela, o livro já é considerado um objeto de aura, aura que se enriquece ao longo dos anos. O valor que damos ao livro é diretamente proporcional ao espaço que ele perde para o uso de novas tecnologias, como por exemplo as telas dos computadores (ZILBERMAN, 2011). Esse processo de valorização se intensifica constantemente, daqui há alguns anos ser presenteado com um livro terá um valor muito maior. O que nos leva a crer que a história do livro se desdobrará de tal forma é a experiência já vivida com objetos como uma carta escrita a mão, a qual detém muito mais a nossa atenção nos dias de hoje, pois é algo incomum (WIEDEMANN, 2011). Novas técnicas podem surgir e propor revoluções às formas de leitura, porém, o que determina o valor do texto em determinado suporte é o valor que a sociedade atribui a ele, e a sociedade contemporânea parece ainda dar grande

valor ao que é impresso, visto que, para ela, “continua sendo prioritário para um escritor publicar um livro de papel do que um e-book” (RIBEIRO, 2011, p. 102).

A valorização do objeto livro não se dá apenas pelo fato de ele se tornar algo infrequente, mas também pela estima que o seu dono cria por aquele exemplar. A singularidade do livro surge no momento em que o leitor deixa as suas marcas, seja uma folha amassada ou uma mancha de café, para o leitor aquele objeto começa a se tornar único e reconhecível por suas singularidades (MANGUEL, 1997). Dessa forma, o leitor cria uma afeição ao livro, o que faz com que ele mantenha um velho exemplar ao invés de comprar uma nova edição, pois nele além da história do livro, está também registrada a história de suas consultas (CARRIÈRE; ECO, 2010).

Vale lembrar que todo esse reconhecimento dado ao livro é um valor subjetivo, pois para alguns escritores o livro impresso não é a prioridade de um projeto. Os blogueiros por trás do Blog dos Marretas, intitularam-se como o blog livre que não quis ser livro. O blog português de humor foi atualizado de 2003 até 2013 por três blogueiros cujos pseudônimos são Animal, Waldorf e Statler. Em publicação do dia 25 de março de 2009, eles justificam a recusa do convite de uma editora com os seguintes argumentos: “... o desperdício de papel, as florestas coitadinhas, essas coisas. além de que não há pachorra praturar editores. já nos bastam os alunos e os doutos colegas do científico” (MARRETAS, 2009). A segunda parte da justificativa na qual é alegada a falta de pachorra, ou seja, paciência para aturar os editores, se enquadra na subjetividade em questão, porém alegar o desperdício de papel soa como uma passagem humorística, visto que, diversos autores refutam esse fato.

Ana Elisa Ribeiro (2011) defende o uso do papel alegando o fato de ele ser degradável e reciclável, ao contrário de dispositivos digitais que rapidamente geram um grande volume lixo eletrônico, sendo assim, livros não afetam negativamente a sustentabilidade. Além disso, o livro não depende de software para ser acessado e “não são fechados sem mais nem menos, não acusam ‘erro 404, page not found’” (RIBEIRO, 2011, p. 96). Segundo Carrière e Eco (2010) os suportes duráveis são efêmeros, hoje não podemos assistir uma gravação em fita cassete ou acessar documentos salvos em disquetes, a não ser que guardemos os velhos aparelhos para reproduzi-los, velhos em relação à constante substituição por novas tecnologias, mas se comparadas ao livro eles

possuem poucos anos de vida, e muitos já perderam a utilidade, diferente do livro, que nos permite ler um texto impresso há cinco séculos.

3. Blog

O computador é uma tecnologia que surgiu muito tempo depois do livro, após este objeto já ter passado por transformações em seu formato, entretanto, algumas relações podem ser feitas entre os projetos e interfaces desses dois meios. A primeira relação é o termo páginas da Web, usado com altíssima frequência e que induz à relação metafórica com um grande livro disponível na internet, para o qual os projetos de design editorial servem de orientação (ROYO, 2008). Outro aspecto do livro que também serve de referência aos projetos digitais é o formato de rolo, o qual não é mais utilizado no meio impresso mas se faz muito presente ao leitor de plataformas digitais, o qual acessa o conteúdo utilizando uma barra de rolagem. O fato de o rolo possuir uma superfície limitada impedia o leitor de escrever nas margens dos materiais impressos. Além disso, a substituição do formato possibilitou o fácil acesso a qualquer parte do texto e impressão em ambos os lados da folha (MANGUEL, 1997).

Segundo definição de Henry Jenkins (2009), a palavra “blog” é um encurtamento de “weblog” e significa um diário na web, “uma nova forma de expressão alternativa pessoal e subcultural, envolvendo resumos e links para outros sites” (JENKINS, 2009, p. 295). Em publicação do mesmo ano, Rosa Oliveira (2009) constrói pensamentos similares ao afirmar que o papel do blog na contemporaneidade é proporcionar autoconhecimento aos indivíduos, pois eles escrevem suas rotinas. A autora ainda destaca que os blogs se caracterizam pelo registro do efêmero, eles são um registro do cotidiano que é compartilhado na internet pelos sujeitos contemporâneos. Apesar dessa concordância entre os autores acima citados quanto à similaridade do blog a um diário, há quem considere essa analogia frágil, como é o caso de Adriana Braga. A autora faz uma relevante consideração ao distinguir o espaço público, onde os blogs se encontram, do espaço privado, o qual caracteriza um diário íntimo, o que resulta em uma adaptação de texto e conteúdo a ser publicado (BRAGA, 2009).

Marcelo Träsel (2009) também cita o conceito de diário virtual como ambiente de destaque para a opinião pessoal do autor, entretanto, Träsel não deixa de ressaltar o crescimento do número de blogs corporativos, criados devido à legitimação dos blogs

como meios de comunicação respeitáveis, e, também, à simplicidade de uso dessa ferramenta. Por fim, o autor cita a existência de blogs com objetivos comerciais mantidos por pessoas, e blogs empresariais criados por organizações, os quais se caracterizam pela impessoalidade.

4. Análises

Após analisar o que os autores dizem sobre os meios, impresso e digital, e explorar um pouco mais o livro e o blog, chegou o momento de verificar na prática o que vem ocorrendo com essas publicações. O primeiro caso abordado se chama *Julie & Julia*, uma história real que além de ter sido relatada em livros e blog, também sofreu uma adaptação para as telas do cinema. Em 1961 a chefe de cozinha Julia Child, norte-americana que vivia na França, publicou o livro de culinária *Mastering the Art of French Cooking*. Aproximadamente quarenta anos após essa publicação, Julie Powell, norte-americana que vivia em Nova Iorque, buscava um tema para escrever um blog, o qual permitisse ela a escapar do que ela fazia todos os dias, e foi então que ela decidiu testar as 524 receitas do livro de Julia Child em 365 dias e relatar todas as suas experiências no blog.

Julie Powell era escritora, e a sua última tentativa de publicação não foi bem sucedida, ela já tinha escrito metade de um romance mas nenhuma editora aceitou sua proposta, o retorno sempre foi negativo e desmotivante. Ao iniciar a escrita no blog, Julie sentiu algo similar pois os acessos e comentários eram poucos, muitas vezes apenas de sua mãe, mas o desejo de cumprir a meta estipulada e a convicção de que o público internauta iria descobrir o seu blog não a deixaram desistir do projeto. E foi isso que aconteceu, o blog de Julie Powell conseguiu atingir um número significativo de fiéis leitores, o que redobrou o compromisso da escritora com o blog, pois agora não se tratava apenas de uma meta pessoal, mas também do comprometimento com os leitores que aguardavam pelas postagens diárias da blogueira, compartilhando com eles suas experiências culinárias bem sucedidas, ou não.

Até então esse caso envolve o livro de culinária de Julia Child e o blog, também de culinária, de Julie Powell baseado nas receitas de Julia. Mais um livro surge nesse enredo quando após uma entrevista publicada no jornal *New York Times*, Julie é contactada por uma editora interessada em publicar o seu projeto. Em 2005, a publicação do livro *Julie & Julia: 365 Days, 524 Recipes, 1 Tiny Apartment Kitchen*, trouxe à Julie

uma espécie de premiação, o livro recompensou todo o esforço de uma escritora que encontrou em seu blog o caminho para a realização do desejo de publicar um livro. Em 2009 essa história atingi mais uma mídia, as telas dos cinemas, com a produção do romance *Julie & Julia* pelo studio Sony Pictures, o que a torna mundialmente conhecida.

O segundo caso a ser explorado teve início com o blog *Mothern*, criado em 2002 por duas publicitárias e mães, dispostas a criar um espaço para discussão e questionamentos sobre a maternidade na contemporaneidade. Adriana Braga (2010) realizou uma interessante pesquisa sobre o blog *Motherns* e como ocorreu a sua transposição para outros meios. A pesquisa aponta que a primeira geração de visitas teve origem da política de retribuição de visitas e comentários entre blogueiros, sendo assim, o perfil dos leitores era bem parecido com o das blogueiras Juliana Sampaio e Laura Guimarães. Uma segunda geração de visitas foi atraído quando jornais e revistas especializadas no tema maternidade divulgaram a existência do blog. A última geração de leitores já apresentava um perfil bastante distante ao das blogueiras, eles transformaram o ambiente do blog em uma grande sala de bate-papo, e isso fez com que Juliana e Laura não atualizassem o blog tão frequentemente, até anunciarem o encerramento de suas atividades em 2004. Surpreendentemente, o público manteve o ambiente virtual do blog vivo, e em 2005 ele volta a ser atualizado pois o conteúdo foi publicado em formato de livro, e novos leitores surgiam em busca de informações. No ano seguinte um fato muito similar ocorreu, mas dessa vez ocasionado pela transição do projeto para a mídia televisiva, ele se tornou o primeiro seriado brasileiro de televisão por assinatura. É notável a adaptação que o conteúdo gerado no blog sofreu ao ser publicado em outros meios mais tradicionais, o livro e a televisão diluíram o teor crítico proposto pelo blog (BRAGA, 2010).

CONCLUSÃO

As análises feitas nesse estudo mostram como os meio impresso e digital são utilizados nos projetos e a técnica de benchmarking nos permite fazer avaliações dos pontos fortes e fracos de cada um deles. No caso de *Julie and Julia* suporte digital e impresso foram utilizados em momentos completamente distintos, o que pode ser interpretado como uma desvantagem, uma vez que o blog proporcionou uma intensa relação com os leitores, a qual parou de ser cultivada quando Julie se dedicou ao projeto

do livro. Apesar de não haver o apelo complementar no projeto, o blog foi essencial para a existência do livro, pois foi através dele que o texto e a narrativa de Julie Powell tiveram visibilidade, concretizando mais tarde o desejo de publicar um livro impresso. No caso Mother podemos destacar como vantagem o excelente uso do blog como ambiente para cativar o público leitor, o qual se sentiu dono do espaço e por isso não abandonou o blog mesmo quando ele estava desatualizado. Um ponto negativo desta prática foi a perda da essência inicialmente proposta pelas blogueiras no momento de publicar o conteúdo como livro e série de televisão, alteração esta que fugiu do controle das idealizadoras e se fez necessária para a publicação nos meios mais tradicionais.

A medida em que o ofício do designer é conhecer as singularidades pertinentes a cada meio para transmitir o conteúdo da forma mais adequada ao leitor, o design se torna um elemento essencial para a criação bem sucedida de um projeto suplementar envolvendo livros e blogs.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A. Teoria e método na análise de um blog: o caso Mother. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 75-91.

_____. Microcelebridades entre meios digitais e massivos. In: **XIX Encontro da Compós**, na PUC-Rio, Rio de Janeiro/RJ, jun. 2010. Disponível no site: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_adriana_braga.pdf>.

FERLAUTO, Cláudio Augusto da Rosa. **O livro da gráfica**. São Paulo: Edições Rosari, 2001.

FISCHER, R. No jogo da vida, experiências e narrativas de si e com o outro. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 46-59.

FRAISSE, E. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 60-74.

FREITAS, M. T. A tela e o livro. Um diálogo possível? In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 202-217.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JULIE & Julia. Direção: Nora Ephron. Produção: Amy Robinson, Eric Steel, Laurence Mark, Nora Ephron. Roteiro: Nora Ephron. Intérpretes: Amy Adams; Chris Messina; Linda Emond; Meryl Streep; Stanley Tucci. [sl.]: Sony Pictures, 2009. 123min.

Julie & Julia. Direção: Nora Ephron. Produção: Amy Robinson, Eric Steel, Laurence Mark, Nora Ephron. Sony Pictures, 2009. 123min.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

A gente aqui no Marretas continua a achar que não.
<<http://marretas.blogspot.com.br/2009/03/gente-aqui-nos-marretas-continua-achar.html>> Acesso em 3 de nov. de 2015 às 20h.

MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVIERA, Rosa Meire carvalho de. O ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog? In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 55-74.

O prazer da mídia impressa. [Editorial]. **Computer Arts Brasil**, v. 67, n. 3, p. 34-43, mar., 2013.

PULLMAN, Chris. Razões e Motivos. In: HELLER, Steven; PETTIT, Eleonor. **Design em diálogo: 24 entrevistas por Steven Heller e Elionor Pettit**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 69-83.

RIBEIRO, A. O que é, hoje, um livro? In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 93-106.

ROSSI FILHO, S. A arte do livro. In. FERLAUTO, Claudio; JAHN, Heloisa. **O livro da gráfica**. São Paulo: Edições Rosari, 2001. p. 89.

ROYO, Javier. **Design Digital**. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

VIGNA, E. Literatura e internet. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 124-133.

WIEDEMANN, Julius. Leis de Julius. In: **abcDesign**, v. 34, n. 4, p. 4-11, dez. 2010, fev./mar. 2011.

ZILBERMAN, R. A tela e o jogo. Onde está o livro? In: MARTINS, A. A.; MACHADO, A. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A. (Org.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 75-92.